

ANJOS OU DEMÔNIOS – UM ENSAIO SOBRE A DELINQUÊNCIA FEMININA NO BRASIL DE 1890 A 1930

Márcia Maria de Medeiros*

Marta Izabel S. Fiorentin**

Luciana Grespan Zago***

Tania Regina Zimmermann****

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir o contexto sócio-histórico no qual se criaram os modelos de identidade feminina, no Brasil, do final do século XIX até a década de 30, do século XX, buscando comprovar que, de fato, a figura da mulher nunca conseguiu representatividade, sendo apenas um elemento a mais no contexto dos ideais da época, voltados ao conservadorismo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, História, Brasil.

ANGELS OR DEVIL – AN ANALYSIS ABOUT THE FEMALE DELINQUENCY IN BRAZIL IN 1890-1930

ABSTRACT: The objective this article is discusses the context social and historical in the creation of models of female identity in Brazil in final of nineteen and twenty century. This search prove that woman never be representative, being just an element in context of model of epoch, link to the conservatism.

KEY WORDS: Woman, History, Brazil.

1. Introdução

Escrever sobre a História do Gênero ou sobre História das Mulheres tem se tornado, seja no Brasil ou no mundo, um novo filão historiográfico que trouxe a baila à chamada “historiografia vista de baixo”; um tipo de história onde se ouve a voz daqueles (ou daquelas) que, normalmente, são esquecidos no panteão dos grandes nomes. Seus feitos acabam ficando, muitas vezes, perdidos nas entrelinhas dos atos heróicos realizados por Julio César; por um Napoleão; por um Luiz XV; ou por um D. Pedro I... Mas todos nós sabemos que eles (ou elas) estiveram lá no momento em que a Europa era assolado pelo corso; no momento em que Versalhes era construído;

* Mestre em História pela PUC/RS, professora do Curso de História da UNIPAR – Campus Cascavel .

** Doutoranda pela Universidade de Leon/Espanha, Coordenadora e professora do Curso de História da UNIPAR – Campus Cascavel.

*** Professora do Curso de História da UNIPAR – Campus Cascavel.

**** Mestre em História pela UFSC, professora do Curso de História da UNIPAR – Campus Cascavel.

Endereço das autoras: Rua Rui Barbosa, nº 611, Jardim Cristal, Cascavel, Pr. CEP 85 801-470.

ou quando a independência era proclamada¹.

A grande questão que surge na cabeça do historiador em relação a alguns “silenciados” da história diz respeito ao fato de que somente agora sua voz parece estar sendo ouvida. Pelo menos em termos de historiografia brasileira, isso é recente². E, curiosamente, vale salientar que a leitura feita, com algumas exceções, ainda traz muito das marcas dos “vencedores” e pouco das falas dos “vencidos”. Exemplo desse processo está contido na historiografia que trata sobre as mulheres no Brasil.

O presente artigo tem por objetivo trazer uma pequena contribuição no que tange à construção da figura de um marginalizado da História, no caso, a mulher delinqüente no Brasil de fins do século XX, analisando os arquétipos sócio-culturais que foram produzidos nesse período e que representavam essa mulher. Para tanto, são utilizados como material de pesquisa jornais de época e material relacionado à área de criminologia escritos no período. A lista de fontes segue anexa à bibliografia.

2. O Anjo – Arquétipo da Perfeição

Historicamente falando, a imagem da mulher dentro da sociedade brasileira sempre foi pautada em dois princípios que não aceitavam questionamento: ou ela era uma “santa”, no sentido lato da palavra, fiel ao marido e devotada ao lar; ou ela personificava o próprio mal, na figura da devassa, da prostituta, da “mal-falada”.

Há que se diferenciar essas mulheres, “o anjo” vivia num espaço bem marcado, representado pelo lar, seja ele a casa paterna, ou a residência que passará a ocupar junto com seu marido. A mulher honesta jamais deveria sair a rua (espaço das tentações) sozinha, pois este processo não era considerado de bom tom. Sobre isso, diz Rachel Soihet (1997,p.365):

“Com base no comportamento feminino dos segmentos médios e elevados, acresce em relação às mulheres as prescrições dos juristas acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Coadunava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão de esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da pública. Embora as mulheres mais ricas fossem estimuladas a

¹ Sobre História do Gênero ver, Del Priore, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed, São Paulo: Contexto, 1997. DUBY, Georges e PERROT, Mechele. *História das Mulheres no Ocidente*. Ed. Afrontamento: Porto, s/d. sobre “historiografia vista de baixo” ver: SHARPE, Jim. *Historiografia vista de baixo*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. Editora da UNESP: São Paulo, 1999. Queremos salientar que a produção da área é vasta, porém dentro de nossa visão esses livros e textos são clássicos.

² Quando nos referimos ao processo recente no que tange à historiografia brasileira queremos salientar que nomes como Gilberto Freyre, Sidney Challub entre outros, durante muito tempo foram tratados como párias no contexto da produção historiográfica nacional. Pode-se dizer que somente a partir da década de 80 houve uma forma de posição favorável em relação a este novo tipo de história.

freqüentar as ruas em determinadas ocasiões, nos teatros, casas de chá ou mesmo passeando nas novas avenidas, deveriam estar sempre acompanhadas”.

Entretanto, nem sempre o lar ou a companhia de alguém nas ruas “libertava” ou “protegia” a mulher de atos de violência ou fraudes cometidos contra. Leia-se citação que segue:

“No RS, um indivíduo desejando deflorar uma moça honesta, de uma família respeitável, empregou a seguinte fraude: pediu-a em casamento, fez-se noivo dela. Mas persuadiu a família que o único casamento sério era o religioso, que o civil era o casamento de ateus e maçons, excomungado pelo Papa e que levaria certamente ao inferno aqueles que o contratassem. A família simples e ingênua acredita em suas palavras e somente foi celebrada a cerimônia religiosa. Saciado o desejo, abandonou a moça, [uma vez] que não estava casado. A fraude aqui é evidente” (CASTRO, 1897,p.71)³.

Mas, mesmo o domínio da órbita privada não era garantia de segurança e proteção. Exemplo clássico do processo encontra-se na figura do Marques de Sade, o qual acabou sendo expulso, da Paris do século XVIII, pelos seus hábitos pouco convenientes, que acabaram por se constituir em ofensa aos bons costumes vigentes na sociedade parisiense da época.

Inúmeros são os casos em que as mulheres acabavam, mesmo sendo bons exemplos, eram violadas em sua integridade física e moral dentro de suas próprias casas e, muitas vezes, pelos seus próprios cônjuges. A legislação do período abria margem para tal situação, como se infere pela seguinte citação:

“Mulher casada – pode dar queixa por crime de estupro contra o marido? Se houver apenas a consumação do matrimônio, a cópula natural, qualquer que tenha sido a resistência da mulher, qualquer que sejam os meios empregados pelo marido para vencer esta resistência, a queixa não pode ser aceita em juízo. Não houve crime e sim exercício de um direito” (CASTRO, op.cit., p.124)⁴.

Observe-se o processo que se constrói em torno dessa figura feminina, a

³ Nota-se aí a utilização dos termos “moça honesta”, “família respeitável” e “simples e ingênua”. Esses qualitativos referem-se a um ato criminoso causado por um indivíduo de má fé, o qual ludibriou utilizando-se da própria crença religiosa uma família tradicional.

⁴ Sobre este assunto ver também: GUSMÃO, Crisolito de. *Dos crimes sexuais*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Freitas Bastos 1934. Sobre o mesmo assunto, 5 anos depois, na obra *Novos Rumos da Criminologia*, coloca-se em posição totalmente contrária.

qual acaba por se “coisificar”: não há crime na violência cometida pelo marido contra sua esposa, há apenas o exercício de um direito! Vale salientar que, com o avanço histórico e com as transformações sócio-culturais ocorridas na sociedade, essa questão teve uma tendência à alteração. Porém, (historicamente falando) contribuiu para formar uma construção ideológica que inferiorizava (e ainda inferioriza) a imagem da mulher.

A figura angelical também pode ser encontrada na literatura do período. Não se entrará em grandes detalhes pelo fato de que o espaço não nos permite maior aprofundamento sobre o tema. Basta lembrar de romances como “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo e “Senhora”, de José de Alencar para ter-se uma idéia básica sobre a questão⁵.

O ideal do ícone feminino que se constrói em torno dessa mulher dócil, submissa, esposa fiel e mãe ditosa será o princípio, pelo qual milhares de mulheres serão educadas no Brasil, no início da República, fortalecendo um contexto que caracteriza o país desde o período colonial, ou seja, o da dominação da mulher pelo homem.

Nada mais se esperava do “anjo”, a não ser o aceite de sua condição: ser mulher, no sentido que este arquétipo revelava, significava apenas a continuidade de um processo de dominação.⁶

3. O Demônio - Arquétipo da Imperfeição

A priori, marcar o terreno em que se encaixa o arquétipo do “demônio” é simples: ele corresponde a tudo que contradiz o arquétipo angelical. Qualquer mulher que não seguisse os ditames sócio-culturais estabelecidos pela sociedade brasileira como sendo justos e corretos, acabava por se tornar uma pessoa espúria dentro do *status quo* para ela criado.

Destarte, toda e qualquer mulher que não fosse dócil, submissa ou mãe ditosa encaixava-se num perfil que demonstrava a sua ingerência no que tange ao desejado pela sociedade e que era o que se esperava dela. Nota-se que a gama de mulheres que se encaixava nesse perfil era enorme e, dentro dessa gama, encontra-se a figura da delinqüente. Ladrãs, assassinas e prostitutas constituem o rol de figuras em geral, colocadas como arquétipo da imperfeição, não raro, acusadas de possuírem algum desvio psicológico o qual as levava a cometer o delito⁷.

Outras vezes, os desvios psicológicos eram causados por mudanças físicas, como se infere pela nota abaixo transcrita:

⁵ A literatura do período romântico exalta e ajuda a construir o arquétipo do anjo protetor do lar, da mãe de família e da jovem apaixonada a qual sonhava idilicamente com um príncipe encantado.

⁶ Sobre o assunto, ver: DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil Colônia*. Editora Contexto, São Paulo: 1996.

⁷ Sobre o assunto, ver: FJORE, Umberto. *Manual de Psicologia Judiciária*. Lisboa: A. M., Teixeira, 1914.

“Durante o período menstrual, muitas mulheres sofrem profundas modificações no psiquismo, caracterizada, às vezes, segundo Dr. Coutts, por estados semelhantes ao hebefrênico, em outros por depressão e pesar e, algumas vezes, sucumbem em caos psíquico de índole mórbida.

Esse autor, em observações feitas na seção de detentos, de Santiago, constatou que 90% das mulheres que são presas por atos delituosos estão em período menstrual” (SILVA, 1939, p.75)⁸.

Invariavelmente, essas mulheres caracterizavam-se pelo desvio, denotando, claramente, que elas não se enquadravam ao que a sociedade almejava para elas e esperava delas.

Em alguns casos, como por exemplo, o da prostituta, ela podia ou não viver em prostíbulo; bastava apenas que prodigalizasse seu corpo desejando obter, com isso, algum tipo de lucro. Tal processo incluía também mulheres casadas (teoricamente honradas) que freqüentassem locais de prostituição, ou então lugares condenados pela sociedade.

Assim, e pelo que se relatou até agora, a mulher poderia, por muito pouco, deixar de ser honrada e honesta e passar a pertencer ao rol das degeneradas. Um exemplo prático desta questão está no personagem Rita Baiana, do livro de Aluísio Azevedo, “O Cortiço”. Rita encarna a malemolência da mulher brasileira, mestiça assanhada que vive feliz a cantar seus sambas pelo cortiço, enfeitando, com sua brejeirice, os homens do lugar fazendo com que eles percam a cabeça. De pudica e recatada, a figura não tem nada. Rita é independente. Só isso já causa um certo mal-estar nas outras mulheres, para as quais a mulata não passaria de uma desavergonhada.⁹ Com certeza, um exemplo para não ser seguido.

À delinqüente era negada, muitas vezes, a sua própria feminilidade, condição *sine qua nom*, para ser mulher.

“Para o efeito de seu protesto a feminilidade não seria apenas embaraçosa, mas imprópria. Por isso este toma formas decididamente masculinas. A mulher não raro investe-se também de um sexo estranho, nos grandes crimes serve-se muito pouco das qualidades femininas que lhe são próprias. Nessas revolucionárias que renunciaram ao amor, às praticas criminosas de sua parte não devem ser explicadas pela sua primitiva grande sexualidade, mas pela angústia diante de seu papel sexual, pelo protesto masculino”. Mesmo a prostituta é pouco feminina “e apenas ama aquele a quem paga! Ora pagar é um privilégio masculino”.(MACHADO, 1933, p.213)]

⁸ Sobre o assunto, ver também: ENGEL, Magali. *Psiquiatria e Feminilidade*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁹ Ver AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

Em suma, a delinqüente segue preceitos de ordem prática: ou faz parte de grupos de criminosos cruéis, por haver perdido toda a sensibilidade devido à luta pela sobrevivência; ou faz parte do grupo de delinqüentes inclinados à mentira, cuja capacidade de compreensão é limitada e, portanto, não pode compreender o quanto seu revanchismo é inferior ao alcance dos ataques infligidos a ela pelas suas vítimas. Nota-se aí, a criação de mais um arquétipo. Bem marcadas ficam as figuras do bem e do mal.

4. Conclusões

Ao longo do tempo, foram escritos inúmeras obras e relatos que tentaram conceituar e categorizar a figura feminina. Os arquétipos montaram-se e conduziram à criação de idéias, mais ou menos humanistas, em relação à mulher e a sua participação na sociedade.

Entretanto, de todos os livros analisados, percebe-se que uma questão fica clara: a mulher nunca ocupou seu lugar de fato: a história preocupou-se em roubar-lhe, esquecendo o fato de que, assim como o homem, também a mulher é um ser humano, igual a qualquer outro.

Sendo assim, as muitas mulheres esquecidas pela história, sejam elas “anjos” ou “demônios” tiveram (talvez) como seu maior desejo, simplesmente existir, enquanto SER... Existir enquanto pessoa, e não enquanto rótulo instituído, criado e mantido pelo *status quo* vigente.

A luta dessas milhões de anônimas ainda continua ocorrendo numa sociedade em que a mulher, além de enfrentar dupla jornada de trabalho, sofre violência dentro de seu lar e é taxada como inferior ao homem dentro de vários aspectos. A idéia que se quer deixar diz respeito ao fato de que a inferioridade, bem como os arquétipos, nunca deveriam ter existido. Eles são apenas o reflexo de uma sociedade que precisa rever os seus conceitos.

O texto tem como fonte primária: as edições do Jornal O Nacional, de Passo Fundo, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929 e 1930.

5. Referência Bibliográfica

AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

CASTRO, Viviros. *Os delitos contra a honra da mulher (adultério, defloramento, estupro a sedução do Direito Civil)*. Rio de Janeiro : João Lopes da C, 1897

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed, São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Mulheres no Brasil Colônia*. Editora Contexto, São Paulo: 1996.

DUBY, Georges e PERROT, Michele. **História das Mulheres no Ocidente**. Ed. Afrontamento: Porto, s/d.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 2ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FIORE, Umberto. **Manual de Psicologia Judiciária**. Lisboa: A. M., Teixeira, 1914.

GUSMÃO, Crysolito de. **Dos crimes sexuais**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Freitas Bastos 1934.

MACHADO, Dyonélio. **Uma definição biológica do crime**. Porto Alegre: of. Gráfica da Livraria do Globo, 1933.

SHARPE, Jim. Historiografia vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. Editora da UNESP: São Paulo, 1999.

SILVA, José Pereira da. **Novos Rumos da criminologia**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1939

SOIHERT, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano In. DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

Data de Recebimento: 08/01/2003.

Data de Aceite: 04/04/2003.